

vida simples

PARA QUEM QUER VIVER MAIS E MELHOR

MARÇO 2011 EDIÇÃO 103

A CULPA É TODA SUA

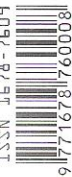


CHEGA DE RESPONSABILIZAR
Os Outros Pelos Seus Tropeços.
Assuma. E Transforme - Se
NUMA PESSOA MUITO MELHOR



WWW.REVISTAVIDASIMPLES.COM.BR

15018/1



R\$ 12,00

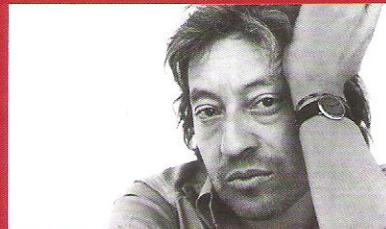
UMA FOLGA MENTAL

A real importância do devaneio em sua vida



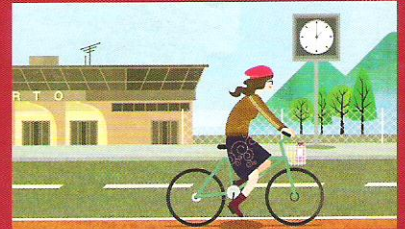
ELE AMOU DEMAIS

Vida, obra e estripulias de Serge Gainsbourg



SEMPRE NO HORÁRIO

Acerte os ponteiros e aproveite melhor o dia





A ARTE DA MEMÓRIA

Colecionar é uma das formas mais antigas
– e perduráveis – de tentar enxergar
uma ordem no caos

texto **Kelvin Falcão Klein** | fotos **Renato Parada** | design **Kareen Sayuri**

Em uma foto tirada por volta de 1936, Sigmund Freud aparece de perfil, em seu escritório, atrás da mesa de trabalho. Com ele, um de seus cachorros da raça chow-chow: é o único que olha para a câmera, com um ar desconfiado. Freud aparece na foto literalmente cercado pelos objetos de sua coleção.

Nessa fotografia, não vemos todas as 2 mil peças (número aproximado) que o psicanalista amalhou durante a vida – mesmo assim, vemos uma porção considerável: há um pequeno camelo no alto da estante, um busto um pouco escondido, muitas esfinges de diversos tamanhos, diversas figuras diminutas com feições egípcias, jarros, pequenas urnas, pequenas pedras talhadas, minúsculos animais míticos, deuses e deusas. O criador da psicanálise, em seus escritos, insistiu sobre o aspecto terapêutico do ato de colecionar. A coleção organiza o pensamento e a vida psíquica do sujeito, equilibrando angústias e balanceando o inves-

timento libidinal. O próprio Freud cultivava seu acervo com paixão e esmero, estudando as relações simbólicas entre os objetos. Muitas das reflexões do médico vienense foram estimuladas pela observação desses artefatos antigos. Eles funcionavam, para Freud, como portais do tempo, como vias de contato entre o arcaico e o moderno, como passagens que ligavam a história à mente do homem.

A coleção é uma arte da memória, uma tentativa de aglutinar tempos que normalmente não se aproximam. Tempos paralelos. A coleção é a oportunidade de prestar atenção nas impurezas do tempo, que às vezes parece não funcionar de forma linear e sim de forma irregular, caprichosa.

Talvez seja importante refletir um pouco sobre isso, principalmente quando vivemos em um mundo (de palavras, de imagens) que nos empurra para a frente, sempre adiante, rumo àquilo que ainda não temos, que ainda não somos, que ainda não vemos – e que ninguém

garante que teremos, seremos ou veremos. Mas a coleção é, também, o legítimo “saco sem fundo”. Isso porque o colecionador nunca está satisfeito e sente, a cada nova conquista, que sua coleção ainda está longe de ficar completa. O que pode ser, também, uma boa maneira de se acostumar com o impossível. Não importa a medida do esforço, alguma coisa sempre vai ficar de fora. E essa é a parte boa, dizem os colecionadores: buscar o fundo do “saco sem fundo”, mergulhar nesse impossível e descobrir onde vai dar.

Seria exagero dizer: quem nunca teve uma coleção? Ou, talvez: quem nunca conheceu alguém que tivesse uma coleção? Papéis de carta, latinhas de cerveja, bonés, flâmulas, pedras, moedas, selos, fotos, postais, livros, surpresas de Kinder Ovo, canetas, cartões de embarque, camisetas de bandas, papéis de bala. Alguns, mais conscientes talvez do círculo virtuoso do colecionismo, reúnem histórias de coleções (pode acreditar!).

A coleção pode ajudar a construir um conhecimento circular e infinito

Vertigem

Dizem que os conquistadores do Oeste dos Estados Unidos gostavam de colecionar orelhas de índios, e faziam vistosos colares com elas, de olho na recompensa que o governo oferecia. Adolf Hitler era um notório admirador de arte (e ele também um pintor de dar dó) e, durante suas conquistas de territórios na Segunda Guerra Mundial, expropriou incontáveis coleções particulares. Sua intenção era construir a grande coleção do Reich — uma sandice. Sabemos que alguns objetos dessas coleções expropriadas por Hitler já voltaram para os familiares dos donos originais, mas a quantidade de obras de arte ainda não recuperadas é imensa. O curioso é que Napoleão fez mais ou menos a mesma coisa, 130 anos antes, e as obras que pilhou continuam no Museu do Louvre...

As coleções frequentemente extrapolam o nível individual e passam a influenciar a história das sociedades. Em seu recente livro *A Vertigem das Listas*, o italiano Umberto Eco mostra como o afã colecionista pautou grande parte da arte ocidental, desde seus primórdios. De Homero a Marcel Duchamp, a cultura sempre foi marcada pela vertigem da coleção, por essa tentativa de recolher as referências, ordená-las, contemplá-las e, logo em seguida, começar tudo de novo, seguindo outros critérios, outras obsessões.

Angústia

No livro *A Arte da Memória*, a historiadora britânica Frances Yates faz um percurso tão extenso quanto o de Eco e chega a uma conclusão semelhante: nossa cultura guarda em suas camadas subterrâneas uma rica movimentação colecionista. A documentação analisada pela historiadora mostra

que, desde os sistemas filosóficos mais complexos até as receitas de administração doméstica, todos os esforços discursivos passam, de alguma maneira, pelo ato de colecionar. Ou seja, estão envolvidos em alguma forma de seleção, recorte e montagem daquilo que veio antes. Colecionar é a tentativa de dar uma feição familiar a um todo que, na maioria das vezes, assusta.

Frances Yates ensinou durante anos no Instituto Warburg, em Londres, um centro de estudos que nasceu de uma coleção: a coleção de Aby Warburg, fundador do Instituto. Warburg nasceu em Hamburgo, em 1866, primogênito de um banqueiro judeu. Sua paixão pelos livros e objetos de arte começou na infância. Gostava de ler, de estudar e de aprender idiomas. Segundo a exigência paterna, era seu destino cuidar dos negócios da família quando ficasse mais velho. Essa perspectiva o enchia de angústia. Como forma de consolo, mergulhava nos caminhos que sua curiosidade lhe oferecia.

Tudo se resolveu quanto Aby ofereceu os direitos da primogenitura a seu irmão mais novo, Max. Havia uma única condição: Aby oferecia a Max o controle do banco e dos negócios se o irmão promettesse que lhe daria todos os livros que quisesse. Max aceitou e a coleção de Aby não parou de crescer.

O jovem Aby estava sempre às voltas com novos livros e novas imagens: reproduções, gravuras, recortes de revistas ilustradas. Como organizar tudo isso? Ou melhor: como permitir que esses objetos culturais pudessem, a partir de uma ordenação específica, oferecer todo o potencial que contêm? Ele acreditava na “lei da boa vizinhança”, e estava sempre mudando o lugar dos livros, reordenando a coleção, criando novos contatos, promovendo

novas comunidades no interior de sua biblioteca. Warburg acreditava que, na maioria dos casos, a informação essencial não estava no livro buscado. A iluminação só aconteceria no encontro repentino com o vizinho inesperado. A coleção funcionava como um acúmulo de associações, e cada uma delas remetia a uma rede de textos e imagens, de forma circular e infinita.

Alento

Assim como muitas coleções pessoais ajudaram a formar a sinistra coleção de Hitler, por exemplo, ou a biblioteca de textos e imagens de Aby Warburg que é, hoje, o Instituto Warburg, muitos acervos que começaram em casas particulares ocupam, hoje, renomados museus.

É o caso, por exemplo, do museu que abriga grande parte das obras de Marcel Duchamp, o Museu de Arte da Filadélfia, que recebeu seu acervo do casal Arensberg, Walter e Louise, grande amigos de Duchamp e colecionadores de suas obras. O mesmo aconteceu com o acervo do colecionador Salomon Guggenheim, que, a partir da fundação que leva seu nome, abriu alguns dos museus mais famosos do mundo. A própria Biblioteca Nacional brasileira, que está completando 200 anos de história, é resultado da junção de várias coleções privadas.

Ou seja, toda hora é uma boa hora para começar uma coleção. Você nunca sabe onde ela pode parar. ■

LIVROS

A Vertigem das Listas,
Umberto Eco, Record

A Arte da Memória,
Frances Yates, Unicamp